

As impurezas dos sentidos: uma leitura de **Budapeste**, de Chico Buarque*

*Wir Caetano***

RESUMO

Este trabalho pretende analisar o romance **Budapeste**, de Chico Buarque, como uma reencenação da figura do sujeito (e do autor), abordando o papel que os sentidos físicos (visão e audição, principalmente) desempenham nesse processo.

Palavras-chave: Chico Buarque; **Budapeste**; Sujeito; Autor; Manuel Gusmão.

“**J**E est un autre” (EU é um outro). Nessa frase de Arthur Rimbaud, escrita em 1871, o português Manuel Gusmão entrevê a manifestação da crise do sujeito cartesiano, no florescer da modernidade. Ele entende, ainda, que há, aí, um acontecimento de linguagem que põe no centro de um drama o sujeito autoral; não para apagá-lo, mas para desdobrá-lo, disseminá-lo. “EU é um outro” é a frase-selo do estranhamento e da alterização: o texto é lugar de múltiplas vozes, de descentramento do sujeito.

A reflexão de Gusmão tem lugar no ensaio “Anonimato e Alterização?”, em que o autor se debruça sobre “dois modos de configurar

* Trabalho final da disciplina “O saber da escrita na Literatura Contemporânea”, ministrada no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, no primeiro semestre de 2004, pelos Professores Doutores Lélia Maria Parreira Duarte e José Maria Cançado.

** Mestrando em Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas.

uma crise e uma crítica” das figurações autorais. Esses modos são o “anonimato”, que ele rastreia na noção de “morte do autor”, de Roland Barthes, e outro o de “alterização”, buscado, basicamente, em Rimbaud e Fernando Pessoa.

A abordagem do ensaísta é bastante pertinente para uma aproximação crítica ao romance **Budapeste**, de Chico Buarque, o que farei neste estudo, em que me sirvo, também, das considerações de Nietzsche em “Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral” e da releitura que o filósofo Gianni Vattimo faz do niilismo nietzschiano.

PERCURSOS FUNERÁRIOS (?)

Antes de seguir a trilha textual de **Budapeste**, retomo a leitura de Gusmão acerca da “morte do autor”. Destacando que a “morte do autor” seria “aquele ponto em que só a linguagem actua” (conforme expressão do próprio Barthes), Gusmão lembra que a idéia remete à de “transcendência da linguagem em relação ao sujeito”, de Heidegger, e da “morte de Deus”, concebida por Nietzsche. Nesse “anonimato transcendental”, o apagamento do autor, o esmaecimento do sujeito.

É nesse terreno que entra o pensamento de Gianni Vattimo. No livro **O fim da modernidade**, o filósofo italiano dedica um capítulo ao que chamou de “apologia do niilismo”. Vattimo (1987) conclui que o niilismo – na medida em que afasta do sujeito “as características de força coercitiva próprias da objectividade” – possibilita a assunção de “todas as outras possibilidades que constituem a existência”, “uma suspensão da coerção do mundo, que situa no plano do possível tudo o que se dá como real, necessário, peremptório e verdadeiro” (p. 27). O niilismo nietzschiano faz ruir o trono do estatuto da verdade. Indispensável, aliás, lembrar a assertiva do filósofo alemão de que “as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas” (NIETZSCHE, p. 48).

As questões relativas à “morte do autor” e ao nihilismo colocam-se aqui porque o romance de Chico Buarque põe em causa as figuras autorais e as tensões entre sujeito e fábula (lembrando que, segundo Vattimo, a dissolução do ser “na linguagem, na tradição como transmissão e interpretação de mensagens” é “o mundo tornado fábula” (VATTIMO, 1987, p. 27).

No romance de Buarque, o cartóica José Costa, um *ghost writer* (escritor que escreve textos sob encomenda para serem assinados pelos requisitantes) acaba por se tornar autor de um *best-seller* e se vê perdido entre os limites de sujeito da escrita e objeto dela – sim, porque, em determinado momento, já não se sabe se seus próprios escritos são produtos de terceiros. Costa escreve a bem-sucedida autobiografia do alemão Kaspar Krabble – sob o título de “O ginógrafo”, numa narrativa que às vezes se confunde com a do próprio *Budapest* – e os igualmente bem-sucedidos “Terceiros secretos” do poeta húngaro Kocsis Ferenc, que vem a ser celebrado como espécie de herói na Hungria, situação em que o próprio José Costa (ou Zsoze Kosta?) se vê enredado. Toda essa trama é mesclada com a intenção de Costa de dominar o idioma húngaro, “a única língua do mundo, que, segundo as mas línguas, o diabo respeita”. Um livro dentro do outro, pulverização de identidades – nulificação do sujeito?

A história do indivíduo que precisa se apagar por trás de seus escritos e se vê passar de narrador a narrado bem poderia ser lida como uma espécie de diluição do ser. Mas essa leitura não parece encontrar respaldo no – digamos – fluxo gozoso (lembramo-nos do “gozo” barthesiano) de *Budapest*, que deriva na afirmação do humano. Se a “morte do autor” (que perde sua condição de pai e proprietário do texto) abre as fronteiras da leitura e, portanto, dos sentidos – como reconhece Gusmão apesar de suas reservas ao citado “anonimato transcendental” –, o negaço da autoria e as oscilações da identidade no romance apontam, de forma equivalente, para “todas as outras possibilidades que constituem a existência”.

As “outras possibilidades” são as muitas manifestações da “outrida-

“Eu estava bastante cansado, meus olhos ardiam, cochilei e de repente trafegávamos numa cidade tão iluminada que dela não se enxergavam as fachadas, as esquinas, os espaços, mas somente as luzes” (p. 47). O mesmo se pode dizer da audição: “Já havia subido sete quadras quando ouvi uns lamentos, como gemidos de mulher rouca e de homem ferido, e tive a impressão de ver um casal enroscado atrás de um álamo” (p. 48).

Esse lugar desempenhado pelos sentidos físicos pode ser encontrado também em **Estorvo** e **Benjamin**, trabalhos anteriores de Chico Buarque. A título de exemplo, cito as primeiras linhas de **Estorvo** (1999):

Para mim, é muito cedo, fui deitar dia claro, não consigo definir aquele sujeito através do olho mágico. Estou zozinho, não entendo o sujeito ali parado de terno e gravata, seu rosto intumescido pela lente. Deve ser coisa importante, pois ouvi a campainha tocar várias vezes, um a caminho da porta e pelo menos três dentro do sonho. (p. 11)

VERDADE E MENTIRA

O fio de leitura que tenho sustentado nesta análise assenta-se na questão do alargamento das fronteiras da identidade e, por extensão, da reencenação da figura do sujeito (autoral ou não). Essa idéia está presente também em resenha de José Miguel Wisnik (s.d.), que, se, por um lado, vê no livro uma revanche “contra o pesadelo da celebridade compulsória”, destaca que

A imensa anedota, que **Budapeste** tem o mérito de não deixar de ser, passa a ser também uma reflexão aguda e sibilina sobre o papel da literatura e o papel do literato, sobre o descompasso gritante entre o fetiche do nome autoral e o enigma da língua anônima, sobre o comércio obscuro e o mercado negro entre o eu e o reino surdo e sonoro das palavras. Pois partindo da picaretagem estabelecida a literatura vicária reivindica – e ganha –, no romance, a dignidade, paródica, de um gênero literário: quem escreve é sempre um outro no lugar de um outro. Um vigarista se exhibe às custas do outro que escreve; um vigarista escreve pelo outro que se exhibe.

Se há em sua leitura um recorte moral, não deixa de abrir-se para o fato de que a relação entre autor “real” e autor “visível”, entre eu e outro, é um jogo da própria literatura ou, mais ainda, do ser. Há, sim, no livro, um jogo entre verdade e mentira, entre realidade e sonho, em que esses estatutos são impuros, cambiantes. De onde vem o impulso para dizer o que é verdadeiro e o que não é? Nietzsche (1983) lembra:

O próprio homem, porém, tem uma propensão invencível a deixar-se enganar e fica como que enfeitado de felicidade quando o rapsodo lhe narra contos épicos como verdadeiros, ou o ator, no teatro, representa o rei ainda mais regamente do que o mostra a efetividade. O intelecto, esse mestre do disfarce, está livre e dispensado de seu serviço de escravo, enquanto pode enganar sem causar dano, e celebra então suas Saturnais. (p. 51)

CONCLUSÃO

O romance *Budapeste*, em sua trama de multiplicação da figura autoral, reencena a dignidade da alteridade, das “múltiplas possibilidades da existência”. Dessa forma, dialoga com as reflexões contemporâneas em torno do lugar e do sentido do sujeito – arena em que se situam leituras críticas de nomes como Manuel Gusmão e Gianni Vattimo.

Na “variação inusitada” sobre “quem é quem e ninguém” (no dizer de Wisnik), coloca em relevo o trânsito identitário entre eu e outro pelos caminhos impuros dos sentidos. Os muitos de cada um, a experiência gozosa do humano. Esse humano impreciso, impuro, “demasiado humano”.

ABSTRACT

This essay aims to analyze Chico Buarque's novel *Budapeste* as a re-enacting of the subject's (and the author's) figure, considering the role of the five senses (mainly vision and hearing) in that process.

Key words: Chico Buarque; *Budapeste*; Literary subject; Author; Manuel Gusmão.

Referências

- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *Crítica e verdade*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. Lisboa: Edições 70, 1987. Col. Signos. p. 49-43.
- BUARQUE, Chico. *Budapeste*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- BUARQUE, Chico. *Estorvo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- GUSMÃO, Manuel. Anonimato e alterização? *Revista Semear* 4. www.lettras.puc.rio.br/cathedra/revista/4sem-18.html.
- LEMINSKI, Paulo. *Distraídos venceremos*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich. Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral. In: *Obras incompletas*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1983. Coleção Os pensadores. p. 53-60.
- VATTIMO, Gianni. Apologia do niilismo. In: *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. Tradução Maria de Fatima Boavida. Lisboa: Presença, 1987. p. 21-29.
- WISNIK, José Miguel. O autor do livro não sou eu. <http://www.ig.com.br/paginas/hotsites/chicobuarque/wisnik.html>.

Outras publicações da Editora PUC Minas

- ARQUITETURA – CADERNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
- BIOS
Departamento de Ciências Biológicas
- CADERNO DE ESTUDOS JURÍDICOS
Faculdade Mineira de Direito
- CADERNO DE GEOGRAFIA
Departamento de Geografia
- E & G ECONOMIA E GESTÃO
Revista do Instituto de Ciências Econômicas e Gerenciais
- FRONTEIRA
Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais
- HORIZONTE
Revista do Núcleo de Estudos em Teologia da PUC Minas
- PSICOLOGIA EM REVISTA
Instituto de Psicologia
- REVISTA DA FACULDADE MINEIRA DE DIREITO
Faculdade Mineira de Direito
- SCRIPTA
Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas e do Cespucc

Projeto gráfico, editoração eletrônica e fotolito:

EMS editoração eletrônica
Eduardo Magalhães Salles
Telefax: (31) 3264.5652 • e-mail: emsalles@uai.com.br

Impressão e acabamento:

Gráfica e Editora O Lutador
Praça Pe. Júlio Maria, 1 • Planalto
31740-240 • Belo Horizonte • Minas Gerais
Telefax: (31) 3441.3622 • e-mail: lutador@olutador.org.br

